

A CONDIÇÃO AMADORA E AS ATITUDES DOS MEDALHISTAS OLÍMPICOS BRASILEIROS FRENTE A ELA

Adriano Leal de Carvalho¹, Kátia Rubio²

1) Bacharel em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP), Brasil, adrianolegal@hotmail.com; 2) Professora Doutora. Docente da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) Brasil, katrubio@usp.br

Os Jogos Olímpicos são o principal evento esportivo de todo o planeta. Desde sua recriação, em 1896 até hoje, a principal mudança ocorrida nos Jogos foi a derrubada do Amadorismo em sua prática. A obrigação do atleta de não receber nenhuma forma de remuneração ou patrocínio perdurou até as últimas décadas, quando os interesses dos meios de comunicação, empresas e demais patrocinadores prevaleceram sobre os ideais do início dos Jogos da Era Moderna. Com os atletas Olímpicos brasileiros não foi diferente. Entre os medalhistas, citamos três exemplos de atletas que passaram por experiências exemplares por causa do amadorismo. O objetivo deste trabalho é discutir as causas e conseqüências das dificuldades que alguns dentre nossos medalhistas olímpicos tiveram quanto à questão do amadorismo, condição à época imprescindível para a participação nos Jogos. A metodologia para este levantamento foi a análise das histórias de vida dos brasileiros ganhadores de medalhas olímpicas em toda a história dos Jogos. Entre os medalhistas destacados está o iatista Lars Grael, bronze nos Jogos de 1988 e 1996, que afirmou ser criticado pelos demais velejadores nos Jogos de Seul por 'poluir' as velas brancas colocando a marca de uma empresa. À época, o patrocínio foi o meio que o possibilitou poder ir aos Jogos, uma vez que já tinha anunciado a impossibilidade de arcar com os custos da viagem até a Ásia. Os outros dois exemplos apontados pela pesquisa são mais antigos. Provavelmente a história mais conhecida seja a de Adhemar Ferreira da Silva, ouro no salto triplo nos Jogos de Helsinque (1952) e Melbourne (1956). Atleta de origem humilde voltou da Finlândia como herói nacional, e por isso o Jornal *A Gazeta Esportiva* promovera uma campanha, com grande adesão popular, para doar-lhe uma casa. Mas a condição amadora da época o fez recusar a oferta, para não correr o risco de ver sua medalha cassada. Apesar da decepção da família, que ansiava por esse prêmio, o atleta não aceitou a doação para manter sua condição amadora, fato que o permitiu ganhar mais uma medalha de ouro quatro anos depois, sendo o único bicampeão Olímpico brasileiro do século XX. Outro medalhista de Helsinque, o nadador brasileiro Tetsuo Okamoto, pelo mesmo motivo de Adhemar, recusou um carro doado pela colônia japonesa de sua cidade. Para concluir este trabalho, apontamos que além das dificuldades materiais básicas para se tornar um campeão olímpico, alguns dos medalhistas brasileiros do passado também enfrentavam dificuldades adicionais quanto à superação de um outro obstáculo: a condição amadora imposta à época.